The Gift of
The Associates of
The John Carter Brown Library

NA GERALMENTE SENSIVEL
E SEMPRE LAMENTAVEL MORTE
DO
SERENISSIMO SENHOR
D. JOSÉ
PRINCIPE DO BRAZIL
ELEGIA

POR SEU AUTHOR

LUIZ CORREA DE FRANÇA E AMARAL,

Bacharel nos Sagrados Canones pela Universidade de Coimbra, approvado pela Meza do Desembargo do Paço, Advogado nos Tribunaes, Juizos e Auditorios desta Corte, e Socio da Academia Lusitana e da Academia de Humanidades de Lisboa.

LISBOA:

Na Officina de SIMÃO THADDEO FERREIRA.

ANNO M. DCC. LXXXVIII.

Com Licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros.

Quis desiderio sit pudor, aut modus
Tam cari Capitis? ....

Horat. lib. 1. Carm. Ode. 24.

ELEGIA.

QUEM ha que chorar poſſa dignamente
Hum deſaſtre tão grave, tão horrivel;
Que as Almas fere a toda a Luſa gente?

Quando ſe chorou perda tão ſenſivel?
Vem, Melpomene; inſpira-me hoje hum canto,
O mais funeſto que te for poſſivel.

Mas eu flučtuo entre aſflição e eſpanto:
Corro a louvar-vos, Principe famoſo;
Logo me opprime, me ſuffoca o pranto.

Lagrimas permitte a hum deſditoſo,
Que neſtes verſos por algum momento
Dê deſaffogo ao ſeu pezar ſaudoſo.

Do Regio Eróe que choro o Naſcimento
Inundou todo o Reino de alegria,
Como annúncio do ſeu futuro augmento.

Nelle ver hum bom Rei já qualquer cria;
E a eſperança feliz, de que encheo tudo,
A' proporção da idade em nós creſcia.

Mais que nos annos, ſe adiantou no eſtudo;
Nas Letras, nas Sciencias procurava
Contra a vil ignorancia hum forte eſcudo.

Como de longe já ſe preparava
Para nos governar perfeitamente!
Como na gloria noſſa trabalhava!

Em buſcar a verdade diligente,
Já ſe hia acoſtumando a dar goſtoſo
O que era ſeu á Luſitana gente.

Que protecção, que abrigo delicioſo
Lhe deveo ſempre o bom merecimento:
Foi das Sciencias Protector zeloſo.

Com o mais perſpicaz diſcernimento
Via tudo por todos os ſeus lados:
Não ſoffreo illusões ſeu penſamento.

Quantos da vil miſeria levantados
Por elle, lhe rogavão larga vida,
Na ſua duração intereſſados!

Quantos . . . Mas ai que eu ſinto mais creſcida
Minha mágoa, meu pranto reverdece!
Sinto a reſpiração quaſi perdida!

Já de todo o meu braço desfalece:
Da mão me cahe a penna: a vóz levanto;
Preza á garganta a vóz quaſi emmudece!

Ao menos por piedade, ó juſto pranto,
Permitte que eu pondere a deſventura,
Que a mim, ao Reino, e ao Mundo enche de eſpanto.

A pállida doença com mão dura
Do bom JOSE' ferio o Regio peito,
Centro da noſſa mais feliz ventura.

Alli ſempre encontrou amor, reſpeito
Da Santa Religião a sã Doutrina:
Della foi ſempre hum Defenſor perfeito.

Mas,

Mas ; ó mais que inhumana Libitina ;
Porque os fios de vida tão precioſa
Te animaſte à cortar com mão ferina !

Quanto he certo que céga e furioſa
Não perdoas a alguem ! Por terra lanças
O pobre Albergue, e a Torre mageſtoſa :

Pela raiz as Luſas eſperanças
Arrancaſte. Que dura adverſidade
Póde igualar-ſe a tão fataes mudanças ;

Mas conjurou-ſe em vão tua maldade :
Não morrem os Eróes : da ſepultura
Ficão ſempre enſinando a Eroicidade.

Tal ſois, PRINCIPE amavel : mais ſegura
Não podia ficar a voſſa gloria,
Nem podia ſubir a mais altura.

Deixaſtes no Orbe tão feliz memoria,
Que em duro bronze abrir todos deſejão
Com letras de ouro a voſſa eroica Hiſtoria.

Será poſſivel que em mortaes ſe vejão
Mais virtudes, maior merecimento ?
Quantos Eróes a voſſa gloria invejão !

Mas ai ! que triſte objecto, ó penſamento,
Aos meus olhos offreces, que empenhado
Se moſtra em duplicar o meu tormento !

A viſta eſtendo ao Téjo dilatado :
Mas que vejo ? levar vejo a corrente
As câns que arrancou deſeſperado.

,, Aquelle (exclama) para cuja frente
,, Eſſes louros criei, já não exiſte :
,, E ainda tens vida, ó Luſitana gente !

,, Quan-

,, Quando houve hum caſo tão atroz, tão triſte!
,, Chora-o ſempre em lembrança dos favores,
,, Que daquella Mão Regia conſeguiſte;

,, E cobrindo o ſeu Tumulo de flores,
,, Nelle em meu nome eſte Epitafio eſcreve:
,, *Aqui jáz o maior dos meus Paſtores.*

Que univerſal ſaudade ſe lhe deve!
Aberto para todo o deſgraçado
Sempre o ſeu coração piedoſo teve.

Lancei os olhos a hum vizinho prado;
E para creſcer mais o meu tormento,
De ramos de cipreſte o vi juncado.

Ouvi ao longe hum funebre lamento;
Muitos Paſtores vi que s'esforçavão
Em moſtrar cada vez mais ſentimento.

Afflictos ſeus cabellos huns cortavão
Para lhe irem cobrir a ſepultura; *
Da rama do cipreſte outros ſe ornavão.

Não diviſei Paſtora na eſpeſſura;
Para hum boſque ſe havião retirado
Chorando a ſua triſte deſventura.

No fim do campo vi já preparado,
Hum grato ſacrificio: ao ar ſubia
Groſſo fumo do incenſo alli queimado.

Tu-

---

* *Era eſte hum ſinal de dor para com os antigos, como ſe vê em Homero pelo exemplo de Achilles que cortou os ſeus cabellos para os lançar ſobre o corpo de Patroclo; e em Sofocles pelo de Oretes, que faz o meſmo ſobre o Mauſoleo de ſeu Pai Agamemnon.*

Tudo iſto me moſtrava a fantaſia;
Mas em vez de abrandar meu ſentimento,
Seu fogo contra mim mais accendia;

Porque creſcendo o bom merecimento
De hum Eróe tão amavel, igualmente
Deve ſubir mais alto o meu tormento.

Vem com teu pranto, ó grata Lyſia gente,
Ajudar-me a chorar tão grave damno;
Aníma a minha vóz já balbuciente.

Caber não póde em coração humano
Tão inſoffrivel mágoa, que a ternura
Até póde obrigar hum tigre Hircano.

Ah! Decretos crueis da ſorte eſcura!
Parece-nos havias já creado
Para paſſar por nós tal deſventura.

Noſſo mál ſeja ao menos adoçado
Pela ponderação de que o Virtuoſo
JOSE' já logra o mais feliz eſtado.

Do carcere do Mundo tenebroſo
Já ſolto vive: piamente o cremos
A' direita do Todo-Poderoſo.

Mas em ſeu louvor nunca affroxaremos,
Em quanto ao már os rios caminharem,
Aos Aſtros ſeu bom Nome levaremos.

Quando nos altos montes ſe criarem
Os aquaticos peixes, e os ligeiros
Cervos ſobre a ſalgada agoa paſtarem:

Quando forem mudaveis os oiteiros,
Então he que achareis, Eróe famoſo,
Quem vos negue os louvores verdadeiros.

05-82

Mas ai! que novo objecto lastimoso
Meus tristes olhos fere! Huma Princeza
Vejo envolta no pranto mais copioso!

O' desgraça da humana natureza!
O' fatal morte! A tua crueldade
Nem respeita Virtude, nem Grandeza.

Justissima he, Senhora, essa saudade,
Perdestes a mais doce companhia,
E com ella a maior felicidade.

Hum tão triste desastre da agonia
Mais cruel encheo vosso peito Augusto;
Quando vereis o rosto da alegria.

Mas poupai-nos a nova magoa e susto:
Brilhe o vosso prudente soffrimento
Pela resignação com o Ceo justo:

Que em quanto no Celeste Firmamento
Vosso Esposo entre alegres resplendores
Feliz descança no mais doce assento.

Seu nome abro nos troncos dos verdores;
Com estes cresça a sua illustre gloria;
Ainda que não dependem de louvores
Os Heróes dignos de immortal memoria.

F I M.

ORAÇÃO FUNEBRE

DO

SERENISSIMO SENHOR

DOM JOSE'

PRINCIPE DO BRAZIL.

Recitada na Santa Sé Primaz de Braga
Aos 6 de Outubro de 1788.

POR

Fr. MANOEL DE SANTA ANNA BRAGA
Menor Obſervante

LISBOA.
NA TYPOGRAFIA NUNESIANA.

MDCCLXXXIX.
Com licença da Real Meza da Commiſsão Geral ſobre o Exame, e Cenſura dos Livros.

C788
S255d